

2

A segunda teoria da angústia e a noção de perigo

A primeira teoria da angústia não pôde prescindir da antiga explicação somática para a origem deste afeto. Esta, paralelamente, permaneceu inalterada e de fora da nova teoria referida ao recalque, indicando que algo da angústia não era passível de ser capturado pela elaboração do aparelho psíquico enquanto trama de representações. Uma teoria que só levasse em conta o aspecto representacional deste aparelho não seria capaz de dar conta daquele fenômeno.

Já encontramos esse caráter além do psíquico para o qual a angústia aponta, que, em última instância, perturba o funcionamento mental a partir não de uma reminiscência ou de um conflito, mas sob a forma de um excesso que Freud outrora caracterizou como libido não-utilizada e que podemos inserir no campo do além do princípio do prazer e do gozo. No entanto, este excesso insiste e permanece em outro lugar. Freud nos mostrará que ele só pode ser retomado e revisto com a hipótese do além do princípio do prazer. Veremos como a elaboração de uma segunda tópica, de uma nova teoria das pulsões e, especialmente, de um novo estatuto para o trauma conduzem a mudanças radicais no percurso da teoria da angústia. A partir daí, foi conferido a este afeto um lugar não mais somático ou fora do psíquico, de modo que aquilo que escapava ao antigo modelo exclusivamente referido ao recalque pôde ser incluído na teoria psicanalítica.

Discorreremos, então, sobre a segunda teoria da angústia, enunciada em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), onde este estado afetivo impõe-se como uma reação empregada na forma de um sinal de perigo “que põe em movimento a repressão” (p. 111).

Esta articulação perigo–angústia–recalque não promove somente um deslocamento da posição de causa e efeito entre a angústia e o recalque, ela traz o perigo como disparador deste mecanismo de defesa. A posição central conferida ao perigo no que concerne à angústia promove também uma reformulação no que diz respeito ao objeto deste afeto. O excesso, introduzido por Freud desde seus primeiros escritos sobre a angústia, configura-se como o perigo diante do qual ela

irrompe e, por conseguinte, o perigo – perigo de excesso, de desamparo – torna-se o objeto da angústia.

2.1

A virada de 1920: o trauma e o além do princípio do prazer

Nossa hipótese, a partir de Lacan, é a de que a teoria freudiana do recalque, bússola de uma prática calcada na análise e deciframento da trama de *Vorstellungrepräsentanz*, foi levada a dar lugar mais efetivo àquilo que a angústia recobre. Algo excessivo, fora do sentido, que Lacan chama, por vezes, de real ou gozo.

De fato, não foi possível ignorar os fenômenos de repetição que se impunham ao fazer analítico e as investigações de Freud a esse respeito provocaram uma reviravolta conceitual, que culminou com a elaboração da segunda teoria das pulsões, enunciada em “Além do Princípio do Prazer” (1920). Neste trabalho, Freud expõe algumas situações em que a insistência daquilo que resiste à interpretação se manifesta: na transferência e no que costumamos chamar de destino, por exemplo. Passemos brevemente por esses exemplos e atenhamo-nos às neuroses traumáticas, que nos mostram o que há de traumático e disruptivo na experiência da angústia.

A novidade freudiana introduzida neste texto, a propósito da compulsão à repetição na esfera da transferência, é que ela

rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos (Freud, 1920, p. 31),

estando, portanto, a serviço de algo além do princípio que até então se supunha dominar todo o funcionamento do aparelho mental. Muito além da resistência da transferência, já enunciada nos artigos sobre a técnica, Freud depara-se com “uma resistência do sintoma que desafia os efeitos que se esperam do deciframento” (Soler, 2011, p. 18). O que se apresentam na análise são as “desgraças da infância” (*loc. cit.*), são atividades de pulsões que seriam menos penosas se fossem rememoradas através de lembranças ou sonhos, ao invés de atuadas como

algo real e contemporâneo e que, a despeito do desprazer que causam, são repetidas sob a forma de uma compulsão (Freud, 1920).

(...) a repetição na transferência de todos esses afetos negativos é animada pelas pulsões de origem que não levaram a nada e que não levarão a nada, isto é, a nenhuma satisfação da ordem do prazer. A transferência, se é repetição, não é mais que a repetição inexorável e sem saída do fracasso de origem, como se os afetos encontrados inevitavelmente no princípio provocassem o destino. (Soler, 2011, p. 19)

Mas nem só no terreno da transferência manifesta-se a repetição. Há na vida, fora da análise, uma “perpétua recorrência da mesma coisa” (Freud, 1920, p. 33), uma tendência “demoníaca”, um destino implacável que vitima o sujeito. Esta recorrência é observada não apenas quando há uma busca ativa para colocar-se em situações que se repetem, mas também nos casos em que não parece haver qualquer influência pessoal sobre a repetição da mesma fatalidade. Seguindo o texto freudiano deparamo-nos com alguns exemplos:

encontramos pessoas em que todas as relações humanas têm o mesmo resultado, tal como o benfeitor que é abandonado iradamente, após certo tempo, por todos os seus *protegés* (...); o homem cujas amizades findam por uma traição por parte do amigo; (...); ou, ainda, o amante cujos casos amorosos com mulheres atravessam as mesmas fases e chegam à mesma conclusão. (*Ibidem*, p. 32)

Para Freud, entretanto, o destino é arranjado pelo próprio sujeito e determinado pelas influências da vida infantil (*Ibidem*).

Os sonhos na neurose traumática, acima dos outros exemplos, são o terreno privilegiado para a uma articulação entre angústia, trauma e desamparo. A incidência repetitiva de sonhos que levam o sujeito de volta à experiência desencadeadora de seu adoecimento revela traços ainda mais proeminentes da compulsão a repetir.

Esta afecção, já observada em decorrência de grandes acidentes, atingiu proporções ainda maiores na Europa pós-primeira guerra, trazendo casos em que o distúrbio psíquico não poderia ser explicado por uma lesão orgânica do sistema nervoso. O quadro sintomático descrito por Freud aproximava a neurose traumática da histeria pela profusão de sintomas motores, distinguindo a primeira por uma “indisposição subjetiva” exacerbada ao extremo e por um estado de “debilitamento e de perturbação muito mais abrangentes e gerais das capacidades

mentais” (Freud, 1920, p. 23). Duas características importantes pontuadas por Freud na sintomatologia da neurose traumática dizem respeito de forma proeminente, primeiro, à questão da angústia enquanto sinal e, segundo, ao trabalho de elaboração psíquica como tratamento da energia livre desestruturante característica do trauma.

(...) o ônus principal de sua causação parece repousar sobre o fator da surpresa, do susto, e, segunda, que um ferimento ou dano infligidos simultaneamente operam, via de regra, *contra* o desenvolvimento de uma neurose (*loc. cit.*).

Quanto ao primeiro fator, retomemos em nosso auxílio a própria natureza repetitiva e aterrorizante dos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas. A pessoa que sofre de neurose traumática sonha com a situação que desencadeou sua doença e acorda num outro susto, contrariando a hipótese anterior de que os sonhos prestam-se exclusivamente à realização de desejos. Esses sonhos se prestam a executar outra tarefa, esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo traumático e indicam a interposição da compulsão onde o sinal da angústia falhou em operar como preparação contra o susto, contra o efeito de surpresa diante do traumático. O fator surpresa, a falta do sinal de angústia como defesa do psiquismo contra um afluxo excessivo de excitação, levaria ao adoecimento.

‘Susto’ (...) é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator da surpresa. Não acredito que a ansiedade possa produzir neurose traumática; nela existe algo que protege o seu sujeito contra o susto (*Ibidem*, p. 23).

Para debater o segundo fator (“um ferimento ou dano infligidos simultaneamente operam, via de regra, *contra* o desenvolvimento de uma neurose” (Freud, 1920, p. 23)), retomemos, com Freud (1920), o hipotético modelo de aparelho psíquico proposto no “Projeto para uma Psicologia científica” (1950b). Neste modelo, em linhas gerais, o aparelho psíquico é apresentado como uma vesícula viva que possui uma camada externa receptora dos estímulos. Essa camada cortical, devido às constantes e intensas investidas dos estímulos externos, teve sua estrutura modificada. Sua porção mais externa tornou-se inorgânica e formou uma membrana morta especialmente resistente aos estímulos. “Através de

sua morte a camada exterior salvou todas as camadas mais profundas de um destino semelhante” (Freud, 1920, p. 38). A função desse escudo protetor contra os estímulos é impedir que grandes magnitudes de energia atinjam o aparelho diretamente,

em consequência disso, as energias do mundo externo só podem passar para as camadas subjacentes seguintes, que permaneceram vivas, com um fragmento de sua intensidade original, e essas camadas podem dedicar-se, por trás do escudo protetor, à recepção das quantidades de estímulo que este deixou passar (*loc. cit.*).

Há, no entanto, a possibilidade de estímulos excessivamente fortes ultrapassarem certo limiar, de modo que atravessem o escudo protetor. Em termos estruturais e econômicos, a proteção do aparelho é tão importante quanto sua capacidade de receber estímulos e a incidência de grandes somas de energia pode perturbar drasticamente seu funcionamento (*Ibidem*). Essa perturbação econômica ocasionada pela invasão de “excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (*Ibidem*, p. 40), Freud a descreve como traumática. É importante frisar que esse afluxo só pode ser sentido como traumático quando atravessa uma barreira que, em outras condições, seria eficaz contra os estímulos. Trata-se, portanto, não de qualquer quantidade, mas de uma quantidade que exceda os limites daquele aparelho.

Uma vez que o aparelho foi inundado com uma grande soma de excitação, resta o problema de vincular psiquicamente esse transbordamento de tensão, já que não mais é possível dele desvencilhar-se pela simples descarga. É neste ponto que Freud suspeita que um desprazer local, um sofrimento físico poderiam de algum modo atuar evitando o adoecimento psíquico. Um rompimento do escudo protetor em uma área limitada representaria “um fluxo contínuo de excitações, tal como normalmente surgiria apenas desde o interior” (*loc. cit.*). Tal invasão mobilizaria os esforços do aparelho no sentido de dispor do máximo investimento possível, facilitando o trabalho de vincular o excesso que inunda o aparelho. Deprendemos disso que

um sistema que é altamente catexizado é capaz de receber um influxo adicional de energia nova e de convertê-la em catexia quiescente, isso é, de vinculá-la psiquicamente. (...) inversamente, entretanto, quanto mais baixa a catexia, menos capacidade terá para receber o influxo de energia e mais violentas serão as consequências de tal ruptura no escudo protetor contra estímulos (*Ibidem*, p. 41).

Vemo-nos novamente às voltas com a presença do fator econômico como determinante para o adoecimento psíquico. Freud retoma a hipótese breueriana de que as cargas de energia que fluem entre os sistemas psíquicos apresentam-se sob duas formas: uma energia “que flui livremente e pressiona no sentido da descarga” (*Ibidem*, p. 42) e uma energia quiescente, ligada. “Podemos talvez suspeitar de que a vinculação da energia que flui para dentro do aparelho mental consiste em sua mudança de um estado de fluxo livre para um estado quiescente” (*loc. cit.*).

Portanto, mais do que se tratar somente de uma grande soma, é condição necessária para que um estímulo tenha efeito traumático que haja a impossibilidade de sua vinculação psíquica.

Essa concepção poderia nos levar a crer numa deficiência na capacidade de simbolização de alguns – mais sujeitos às intempéries e imprevistos da vida –, num déficit na função de elaborar um estímulo e engajá-lo numa representação para fazê-lo entrar no jogo significativo.

Pelo contrário, apostamos num limite do simbólico, dado na estrutura. O que o “Além do princípio do prazer” (1920) traz de novo, é que o trauma não está vinculado a nenhum evento específico ou a uma falha constitutiva individual, mas representa uma exigência pulsional de aumento e pressão constantes que lança o sujeito num estado de desamparo. Isso indicaria, em última instância, a presença da ordem do real como ponto de impossibilidade do simbólico, como irrepresentável.

Não se trata tampouco de localizar na materialidade do estímulo, ou em sua localização em relação ao aparelho, um potencial maior ou menor de produzir um trauma. Há algo que implica e intima o sujeito, seja a partir de um objeto do mundo ou não; um reconhecimento subjetivo do perigo que é absolutamente singular.

A maior parte do desprazer que experimentamos é um desprazer *perceptivo*. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte de instintos insatisfeitos, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como um ‘perigo’ (*Ibidem*, p. 21).

As experiências do desamparo, da angústia e do trauma, não por acaso, estão relacionadas tendo como ponto de articulação o fato de que testemunham

algo desse além do princípio do prazer e das operações do significante. A experiência traumática é o mais importante determinante de angústia na teoria de Freud sobre este afeto. Retomaremos adiante como, em termos lacanianos, esta articulação lançou as bases da aproximação entre a angústia e o gozo.

2.2

A segunda teoria da angústia: inibição, sintoma e angústia

Em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), Freud revê sua posição com relação a este afeto ao afirmar que

(...) a ansiedade (...) é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente. (...) Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primeiras, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos (p. 97).

Quanto à origem da angústia, Freud pontua:

(...) podemos legitimamente apegar-nos com firmeza à ideia de que o ego é a sede real da ansiedade, e abandonar nosso ponto de vista anterior de que a energia catexial do impulso reprimido é automaticamente transformada em ansiedade (*Ibidem*, pp. 96-97).

O afeto da angústia indicava não somente certa anterioridade em relação ao recalque, mas até mesmo em relação ao psiquismo, ao subjetivo. Assim, se o ponto de vista anterior sustentava que a angústia decorria da libido, o novo estabelecia que o eu emprega, como reação a uma ameaça de perigo, um sinal de angústia que move o recalque. “É sempre a atitude de ansiedade do ego que é a coisa primária e que põe em movimento a repressão. A ansiedade jamais surge da libido reprimida” (*Ibidem*, p. 111).

Esta guinada traz consigo uma série de desdobramentos que Freud desenvolve ao longo de muitas revisões, retomadas, idas e vindas por todo seu texto de 1926. É possível depreender daí importantes contribuições a respeito de temas essenciais como o sintoma, o recalque, a fobia e o luto. Neste trabalho destacaremos entre elas a noção de perigo que servirá de ponto de articulação entre as teorias freudiana e laciana sobre a angústia.

2.2.1

Angústia e perigo

A noção de perigo, “profundamente ligada ao recalque” (Vieira, 2001, p. 56) não é nenhuma novidade revelada em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926). Já na primeira teoria, o perigo e a função de sinal da angústia congregam-se para estabelecer a importância deste afeto como estado de preparação. Segundo Vieira (2001), essa mudança de ênfase tornou-se possível a partir da substituição da energia somática pela libido.

Antes, Freud opunha as psiconeuroses às neuroses atuais tendo como referência a natureza do fator energético ou a forma de descarga dessa quantidade. Se as neuroses atuais caracterizavam-se por um acúmulo ou desvio de uma energia sexual de ordem somática, o que as tornava rebeldes à análise psicológica, as psiconeuroses, cujos sintomas eram a expressão simbólica de conflitos psíquicos, eram-se mais dóceis à interpretação. Com a baliza do fator perigo, a angústia passou a se referir a objetos externos ou internos, a um perigo real ou psíquico.

Como vimos, Freud (1916-1917) empreendeu, naquele momento, uma distinção entre duas modalidades de angústia, uma realística e outra neurótica, a fim de dar um lugar de exterioridade ou interioridade aos fatores angustiantes. Se a primeira define-se pela reação à ameaça de um perigo objetivo, real e exógeno, comportando a possibilidade do sujeito fugir através da ação muscular, a segunda fica marcada pela indefinição. Tal oposição nos remete ainda a uma outra, introduzida no “Rascunho E” (1950a), segundo a qual o manejo da excitação exógena se dá “de acordo com sua quantidade. Para esse propósito, basta qualquer reação que reduza em igual quantidade a excitação psíquica” (p. 237). A excitação endógena, por sua vez, requer uma ação específica.

A excitação endógena, assim como a angústia neurótica e seu perigo interno, subjetivo estão, portanto, na jurisdição da psicanálise, enquanto a excitação exógena, a angústia realística e seu perigo localizável na realidade não lhe dizem respeito por escapar ao seu interesse.

Assim sendo, já em 1916-1917 vemos não só declinar a questão de saber qual o substrato energético da angústia, do que ela é feita, como também um

deslocamento da ênfase da objetividade do perigo, ou sua localização no mundo, para as relações entre o eu e as exigências da libido.

Conforme sabemos, a geração de ansiedade é a reação do ego ao perigo e o sinal para empreender a fuga. Assim sendo, parece plausível supor que, na ansiedade neurótica, (...) o ego trata este perigo interno como se fora um perigo externo (Freud, 1916-1917, p. 405)

A exemplo do que Freud já havia feito em relação as angústias neurótica e realística, Lacan (1962-1963) retoma a antiga discussão das aproximações e desvios entre medo e angústia. Segundo ele, os autores que não reduzem um ao outro, insistem em acentuar sua oposição tendo como referência sua posição em relação ao objeto. Freud (1916-1917) usa dessa distinção para fundamentar a diferença entre os termos *Angst* (ansiedade), *Furcht* (medo) e *Schreck* (susto). *Angst* refere-se ao estado e, neste ponto, Freud afirma que não considera o objeto, *Furcht* chama a atenção precisamente para o objeto, enquanto que *Schreck* põe ênfase no efeito de susto, de surpresa “produzido por um perigo com o qual a pessoa se defronta sem qualquer estado de preparação para a ansiedade” (p. 396). Encontrando-se o objeto apenas em relação ao medo, ao susto reserva-se o caráter de surpresa enquanto que à angústia resta a indeterminação. Esse debate levaria à suposição da ausência de objeto na experiência da angústia, enquanto que o medo seria diante de um perigo objetivo, mantendo com o objeto deste perigo uma espécie de adequação natural (Lacan, 1962-1963). Se buscássemos na adequação aos estímulos do meio a chave para a compreensão das particularidades que distinguem o medo da angústia, teríamos que ignorar o fato irrefutável de que o medo é capaz de paralisar e inibir, lançando “o sujeito no desarvoramento menos adaptado à resposta” (*Ibidem*, p. 177). Ademais, se não podemos, com Lacan, distinguir a angústia pela falta de objeto é porque o objeto proposto por ele para essa experiência, o objeto que destaca a angústia da série dos medos triviais, não é da mesma ordem daquele que vinha sendo trazido ao debate sobre o medo pelos autores até sua época. Deter-nos-emos nisso no capítulo seguinte.

Não tomemos, portanto, indeterminação por falta de objeto, posto que não devemos ignorar o fato de que Freud afirma expressamente: “onde se manifesta ansiedade, aí existe algo que se teme” (Freud, 1916-1917, p. 405). A angústia “não é sem objeto” (Lacan, 1962-1963, p. 175) o que nos leva a pergunta: diante do que

a angústia se origina? A isso, Freud (1926) responde: “(...) a ansiedade surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete” (p. 133).

Freud evoca um perigo interno para falar da angústia; mas Lacan não satisfeito, indica o caráter problemático desta noção.

(...) Não existe perigo interno, em razão de que o envoltório que é o aparelho neurológico não tem interior, já que é uma superfície única, e de que o sistema ψ , como *Aufbau*, como estrutura, como aquilo que se interpõe entre a percepção e a consciência, situa-se numa outra dimensão, como Outro enquanto lugar do significante (Lacan, 1962-1963, p. 169).

Por isso a indeterminação e a anterioridade da angústia em relação ao sujeito. O perigo interno que a angústia sinaliza é do nível da defesa de uma estrutura (Lacan, 1962-1963).

O que o ego teme do perigo externo e do libidinal não pode ser especificado; sabemos que o medo é de ser esmagado ou aniquilado, mas ele não pode ser analiticamente compreendido. O ego está simplesmente obedecendo ao aviso do princípio de prazer (Freud, 1923, p. 69).

Já vimos como, na nova hipótese freudiana, a angústia é tomada como reação à ameaça de ocorrência de um momento traumático; este é o perigo do qual a angústia protege. A noção de trauma assume nesta nova posição um papel central: tendo como base a situação traumática, Freud estabelece as únicas formas possíveis de geração de angústia que o fazem, enfim, descartar a antiga hipótese do metabolismo energético. A angústia somente pode ser produzida como consequência direta do momento traumático ou ainda como sinal da ameaça de repetição de um momento desta espécie (Freud, 1933). A essa conclusão Freud chega por diversas direções que conduzem a situações de perigo que ameaçam com o restabelecimento do momento traumático, do desamparo e que encontram diferentes expressões na vida do sujeito.

2.2.1.1

Sobre o ato do nascimento e os perigos subsequentes: o perigo de perda do objeto

A primeira experiência traumática – portanto, de perigo – protótipo de todas as demais, é o ato do nascimento. Esse ponto de vista ocupou espaço considerável na primeira teoria e sobrevive até 1926, quando é relativizado e re-significado a partir do aporte da castração.

Esta hipótese se baseia numa outra suposição, a saber, a de que a angústia, sendo um afeto, emerge por “atos de descarga ao longo de trilhas específicas” (Freud, 1926, p. 132), indicando a repetição de uma impressão já vivenciada e a presença de “um fator histórico que une firmemente as sensações de ansiedade e suas inervações” (*loc. cit.*). Sobre a natureza dos afetos em geral, Freud afirma que eles são “a repetição de alguma experiência significativa determinada” que “só poderia ser uma impressão recebida num período muito inicial, de natureza muito genérica, situada na pré-história, não do indivíduo, mas da espécie” (Freud, 1916-1917, p. 397). Em 1916-1917, por uma analogia com os sintomas histéricos, Freud estabelece que também um afeto se forma como o precipitado de uma reminiscência. “Um ataque histérico pode, assim, ser equiparado a um afeto individual recentemente formado, e um afeto normal pode ser comparado à expressão de uma histeria geral que se tornou herança” (Freud, 1916-1917, p. 397). Que reminiscência estaria, então, em questão, na experiência da angústia?

Freud supõe que a única experiência capaz de deixar atrás de si traços tão marcantes, que justifiquem o caráter distintivo do desprazer dessa experiência em relação a outras formas de desprazer, seria o trauma do nascimento. Desde o início, ele coloca este evento como o protótipo de todas as vivências de angústia subsequentes.¹³ Foi preciso novamente recorrer a uma construção mítica para tentar situar a origem de um afeto que Lacan chamou de *pré-sentimento*, por estar às voltas com o real que antecede e ultrapassa o sujeito (Lacan, 1962-1963, p. 88).

Num primeiro momento, vemos Freud aderir a essa hipótese identificando no evento do nascimento um perigo mortal, manifesto por uma “combinação de

¹³ Em “A ética da paixão”, uma das principais referências deste trabalho, Vieira (2001) coloca que “(...) Freud deixa claro que o nascimento só pode ser considerado um trauma se for tomado como um momento paradigmático, mítico, em que se inscrevem tanto o sujeito quanto o mundo” (p. 63).

sensações desprazerosas, impulsos de descarga e sensações corporais” (Freud, 1916-1917, p. 397) e na experiência da angústia uma repetição da angústia tóxica (*loc. cit.*) vivida no ato do nascimento. Os efeitos da privação de oxigênio, de limitação da respiração, consequência da situação real do nascimento seriam recriados na vivência do afeto.¹⁴

Freud ensaia timidamente, nesse contexto, relacionar a angústia do nascimento com a separação concomitante entre o bebê e a mãe, mas mantém a ênfase sobre o aspecto de impressão primeira e indelével que se repete como afeto por toda a vida. É em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926) que a primazia do trauma do nascimento como evento inaugural e protótipo de todas as situações de perigo determinantes de angústia começa a ser questionado.

De saída, Freud adota uma abordagem biologizante. As sensações corporais que tiveram uma função no ato do nascimento são repetidas, fora de contexto e sem finalidade. Mais uma vez, é colocada a questão da inadequação da angústia, “que é uma reação a um perigo anterior” (Freud, 1926, p. 133), diante de um perigo real, contemporâneo.

Sobre o ato do nascimento, entretanto, Freud discute se realmente é questão de chamarmos essa situação de perigo. Como já vimos, o perigo sinalizado pela angústia nada tem de objetivo. Já o nascimento representa, em princípio, puramente um perigo objetivo de vida, mas sem

qualquer conteúdo psíquico. Não podemos possivelmente supor que o feto tenha qualquer espécie de conhecimento de que existe a possibilidade de sua vida ser destruída. Ele somente pode estar cômico de alguma grande perturbação na economia de sua libido narcísica (Freud, 1926, p. 134).

Se o acento recai sobre o aspecto de recordação, ou seja, de representação, como parece que Freud faz num primeiro momento, de fato, não é verossímil que as reações de angústia posteriores remetam ao trauma do nascimento. Essa crítica é direcionada ao trabalho de Otto Rank, que supõe haver uma série de apreensões sensoriais, de natureza visual impressas no psiquismo no momento do nascimento e que seriam recordadas, evocando uma reação de angústia. Apesar de Freud afirmar em “Moisés e o monoteísmo” (1939) que “os traumas são ou experiências

¹⁴ Em suas primeiras elaborações sobre a angústia, Freud via nesses sintomas físicos uma reprodução das sensações corporais do ato sexual (Cf. Freud, 1895).

sobre o próprio corpo do indivíduo ou percepções sensórias, principalmente de algo visto e ouvido, isto é, experiências ou impressões” (p. 89), ele crê que só é possível, num momento tão precoce da história de um sujeito ainda incipiente, apreender a perturbação traumática que esse evento representa, além de “sensações tácteis e gerais relacionadas com o processo de nascimento” (*Idem*, 1926, p. 134). Outras críticas são feitas à obra de Rank sobre este tema e, a partir desse rompimento, Freud constrói seu percurso nada linear. Apesar da ênfase na natureza traumática das impressões recebidas no nascimento, Freud retoma a questão da castração e insere o ato do nascimento nessa série. Mesmo assumindo que não é provável que um recém-nascido esteja consciente da perda da mãe como continuação de seu corpo, sofrida no nascimento, Freud ainda parece convencido de que alguma perda fundamental acontece neste ato. Lacan revê este momento de entrada no mundo propondo uma perda radical ocorrida não em ocasião da separação da mãe, mas por conta da perda dos envoltórios placentários. Essa narrativa, conhecida como mito da lâmina, no ensino de Lacan, diz respeito menos a um acontecimento biológico que a um momento inaugural em que é preciso perder algo para estar no mundo (na linguagem). Este assunto será retomado de forma mais detida quando abordarmos as operações de alienação e separação no capítulo seguinte.

A temática da separação e da perda do objeto é o ponto nodal que articula o ato do nascimento às outras situações determinantes de angústia. O que se destaca em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926) é mais uma vez a centralização da metapsicologia da angústia no eixo da castração. O fundamento clínico desta teoria são os resultados das novas análises empreendidas por Freud de seus antigos casos de fobia na infância, a saber, o caso Hans e o Homem dos lobos. A partir dessas novas análises, Freud reúne esses dois casos tão distintos, que culminam ainda assim na formação da fobia, por um elemento comum. A força motriz dos inúmeros recalques que conduziram à formação da neurose em ambos os casos

era a mesma (...) era o temor de castração iminente. As ideias contidas na ansiedade deles – a de ser mordido por um cavalo e a de ser devorado por um lobo – eram substitutos, por distorção, da ideia de serem castrados pelo pai. Esta foi a ideia que sofreu repressão (*Ibidem*, p. 110).

Daí ele deduz ser o medo de castração a “única força motora dos processos defensivos que conduzem à neurose” (*Ibidem*, p. 141). Isso permitiu localizar a origem da angústia no próprio agente promotor do recalque e não mais nas exigências pulsionais do isso, ou seja, na decomposição pela qual a moção pulsional é submetida em decorrência do recalque. O eu reage com a angústia, sinalizando a necessidade de recalcar moções pulsionais que o exporiam ao perigo da castração. Nos casos em questão, “o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração” (*Ibidem*, p. 128), mas castração como equivalente de separação e perda, uma vez que, mais adiante, Freud afirma que o eu “foi preparado para esperar a castração, tendo sofrido perdas de objeto constantemente repetidas” (*Ibidem*, p. 129). Desse modo, se o perigo é tão comumente o perigo de castração, a angústia consistiria, em última instância, em uma angústia de separação pela perda de um objeto valioso. Perda sofrida no nascimento, na ausência da mãe, na castração, na perda do amor do objeto ou do amor do supereu.

2.2.1.2

Do trauma ao desamparo: o perigo é o excesso

Entretanto, graças às contribuições de Lacan, pudemos perceber que o recurso à perda não é suficiente para dar conta da experiência da angústia, pois não se está falando da perda de qualquer objeto, mas daquilo que protege o eu do excesso, ou melhor, o sujeito do gozo. Trata-se, portanto, não de uma falta, mas de um excesso que o psiquismo não é capaz de conjurar.

A razão por que a criança de colo deseja perceber a presença de sua mãe é somente porque ela já sabe por experiência que esta satisfaz todas as suas necessidades sem delongas. A situação, portanto, que ela considera como um ‘perigo’ e contra a qual deseja ser protegida é a de não satisfação, de uma crescente tensão devida à necessidade, contra a qual ela é inerte (Freud, 1926, p.136).

A perda que está em jogo é, portanto, a perda de si. A necessidade de ser amado e o correlativo medo de perder o objeto denunciam uma necessidade mais fundamental: a do Outro como anteparo, filtro simbólico do real.

Vejamos, por exemplo, o caso Hans. Freud dava indicações de que não era de uma perda que se tratava já em 1909, ao estabelecer uma oposição entre anseio e angústia. Esta oposição antecipava que, a despeito do objeto tornar-se disponível, a angústia não cessa.

O anseio pode transformar-se completamente em satisfação, se o objeto ansiado lhe for concedido. Uma terapia dessa natureza já não é mais eficaz quando se lida com a ansiedade. Esta permanece até mesmo quando o anseio pode ser satisfeito. Já não é mais capaz de se retransformar inteiramente na libido (p. 32).

Ao contrário da hesitante leitura freudiana, Lacan afirma com segurança que, a Hans, não falta objeto algum. Seu pai era extremamente atencioso, assim como sua mãe, que dificilmente permitia que o menino fosse frustrado em qualquer coisa. Hans tem espaço garantido no leito conjugal todas as manhãs, apesar dos protestos de seu pai, também ignorados pela mãe (Lacan, 1956-1957). Mesmo vendo no caso evidências de que o adoecimento do menino está diretamente relacionado com o medo da castração, Freud, em vários momentos sutilmente critica os excessos da mãe em prontamente atender a todos os caprichos de Hans. Sobre isso, Lacan (1962-1963) afirma: “não se trata de perda do objeto, mas da presença disso: de que os objetos não faltam” (p. 64). Há uma ameaça de castração proferida pela própria mãe no momento em que o menino tenta seduzi-la, mas aquela está longe de surtir efeitos significativos e imediatos, sejam positivos ou negativos, e sua função no caso só reaparece tardiamente, com a suposição de um efeito retroativo que não se verifica de forma clara. Lacan fala de como Hans faz uso disso, de sua maneira singular para construir o complexo de castração. Trata-se de construí-lo porque ele é necessário, estruturante.

A castração (...) fixa a relação entre o sujeito e o Outro, sob o signo da interdição. (...) não é uma proibição violenta que traumatiza, mas sim a marca que faz do caos inicial um perigo a ser recalçado (Vieira, 2001, 65).

É uma função de ausência que polariza o desejo e o orienta (Lacan, 1962-1963). Vejamos como essa questão pode ser situada na tríade edípica do caso Hans. Se Freud valoriza o papel do pai como interditor, ou, mais que isso, como ameaçador, Lacan introduz sua função como o representante da lei que vem intervir na relação dual mãe-criança, onde a criança é levada a “tapear o desejo da

mãe” (Lacan, 1956-1957, p. 230). É preciso que alguma coisa se articule na experiência da criança, que lhe indique que “na presença da mãe com ela mesma, ela não está só” (*Ibidem*, p. 229). Este “outro termo em jogo” (*loc. cit.*), é a falta materna; falta à mãe algo que a criança não pode suprir, mas que o pai detém. O pai de Hans furta-se a ocupar essa função e Hans seguia feliz sua vida nesse engodo. O que muda, então? O pênis de Hans, objeto de suas investigações, começa a tornar-se alguma coisa completamente real. Seu pênis começa a agitar, e a criança começa a se masturbar. Essa aparição do real, manifestação pura da pulsão lança o menino fora deste “jogo onde se é o que não se é, onde se é para a mãe tudo o que a mãe quer” (Lacan, 1956-1957, p. 232). A criança está naquilo que Lacan chamou de “paraíso do engodo”, construído sobre um fundo de desamparo que nada tem a ver com o medo da castração como ameaça. Há assim a necessidade da castração como defesa.

Quando algo de real se apresenta, desmontando este jogo de tapeação, o que Hans tem a oferecer é tomado pelo Outro como algo miserável. “A criança é então colocada diante dessa abertura de ser o cativo, a vítima, o elemento apassivado de um jogo onde vira presa das significações do Outro” (*Ibidem*, p. 232). Ele não ocupa mais de maneira alguma sua função e, destituído de seu papel no romance familiar em que estava enredado, é invadido pelo desamparo, abandonado à própria sorte. Hans é tomado pela angústia,

correlativa do momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar (Lacan, 1956-1957, p. 231).

A função paterna incidiria justamente aí, pondo o real fora do jogo, introduzindo “a ordem simbólica com suas defesas, o reino da lei, a saber, que o assunto ao mesmo tempo sai das mãos da criança e é resolvido alhures” (Lacan, 1956-1957, p. 233). Hans precisou construir a fobia, e interpor o pai/cavalo entre ele e o gozo da (e com a) mãe devoradora. O recalque primário, correlativo da castração, é fundador na medida em que evita a irrupção de uma situação de perigo pulsional, ou seja, protege contra uma inundação de ordem sexual sobre o aparelho (Pereira, 2008).

Entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro há que se ocupar uma função de defesa com o objeto fóbico. Na formulação freudiana, este objeto protege o

sujeito de seu próprio desejo. O perigo é deslocado para fora para que possa ser evitado, ao contrário do perigo real vindo de dentro. “Na realidade, é provável que as primeiras repressões, bem como a maioria das ulteriores, sejam motivadas por uma ansiedade do ego dessa classe, no tocante a processos específicos do id” (Freud, 1926, p. 139).

A solução encontrada por Hans para sua fobia e para a travessia do Édipo, narrada ao fim do relato, é a chegada de um bombeiro que desparafusa seu pênis para dar a ele um maior em troca, dito de outro modo, “a cura chega no momento em que se exprime de maneira mais clara (...) a castração como tal” (Lacan, 1956-1957, p. 235).

Vimos explicitamente na evolução do caso dois níveis, a saber, a angústia e o medo. Primeiro, Hans está numa relação indiferenciada com a mãe e, de repente, vê-se lançado para fora de seu lugar, numa experiência de angústia que a fobia vem reestruturar, articular e nomear, construindo um circuito de pontos de perigo, “instaurando uma nova ordem do interior e do exterior, uma série de limiares que se põem a estruturar o mundo” (Lacan, 1956-1957, p. 253). Há ainda um terceiro nível anterior a tudo, já mencionado aqui, em relação ao qual a angústia já é um esboço de organização. Esta primeira “posição de estar sem recursos, mais primitiva que tudo”¹⁵ (Lacan, 1958-1959) é o desamparo, a *Hilflosigkeit* freudiana.

Vemos, então, como, novamente, Freud reorganiza seus achados clínicos para tentar encontrar um ponto comum a todas essas situações de perda que ao mesmo tempo as distinga daquelas em que a angústia não se faz presente. Se antes o fio condutor que guiava as investigações sobre a angústia era a castração, agora é imperativo ultrapassar o tema da separação, já que na angústia havia algo além da perda do objeto. Neste sentido, o que se perderia com o objeto seria a possibilidade de descarregar a excitação advinda da necessidade, posto que “uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo” (Freud, 1926, p. 162).

A noção de desamparo perpassa os escritos freudianos e persiste como condição de transbordo do real, à margem ou aquém da organização representacional do aparato psíquico. O desamparo também é retomado nos textos

¹⁵Tradução nossa do trecho: “posición de estar sin recursos, más primitiva que todo”, (Lacan, 1958-1959/inédito, lição de 10 de junho de 1959).

tardios de Freud sobre a cultura como condição filogenética essencial, que tem por base o desamparo infantil e originaria uma necessidade de proteção paterna expressa no sentimento religioso.

Como já sabemos, a impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção (...) a qual foi proporcionada pelo pai; o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso. (...) A derivação das necessidades religiosas, a partir do desamparo do bebê e do anseio pelo pai que aquela necessidade desperta, parece-me incontrovertível. (...) Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos (Freud, 1927, p. 39).

Tal condição não se restringe a uma situação inicial de insuficiência psicomotora, como parece sugerir uma leitura desta noção em Freud. Mário Eduardo Costa Pereira (2008) sugere que esta concepção, ancorada no caráter biológico e objetivo da prematuridade do jovem ser humano, não é descartada no decurso da produção freudiana, porém, o desamparo psicomotor do recém-nascido torna-se modelo do desamparo fundamental, sendo, “a representação simplificada da coisa e a própria coisa a ser conhecida” (p. 131). O que ocorre, entretanto, é uma tentativa de “desacidentizá-lo” (p. 127), novamente encontramos a orientação lacaniana de passar do fenômeno à estrutura, de deslocá-lo da contingência do evento traumático ou da regressão a uma fase de despreparo do indivíduo humano, quando ainda incapaz de sobreviver por seus próprios meios, “para conferir-lhe estatuto de dimensão fundamental da vida psíquica que indica os limites e as condições de possibilidade do próprio processo de simbolização” (*loc. cit.*). Sendo assim, o desamparo não é superável, eliminável pelo amadurecimento psíquico e motor, é, pois, uma “dimensão essencial da vida psíquica” (*loc. cit.*). Ele aponta para a impossibilidade estrutural da dimensão da linguagem em sustentar uma organização simbólica total, segura e definitiva (*Ibidem*).

A constituição subjetiva se dá através de uma imersão no campo da linguagem que demanda um corte, uma cessão de algo da ordem do real¹⁶. Se o recalque primário instaura uma primeira organização, é por afastar a ameaça de um “gozo sexual sem limites” (*Ibidem*, p. 146). É ao tomar distância disso, construindo uma borda, que se torna possível a constituição do hostil como tal,

¹⁶ Cf. operações de alienação e separação no capítulo seguinte.

sinalizado pela angústia, primeiro recurso contra o desamparo (Lacan, 1962-1963).

A angústia enquanto defesa mais radical, refere-se diretamente ao real, na medida em que funciona como resposta a um perigo originário, ao desamparo fundamental da entrada no mundo, ao mesmo tempo em que emite sinais ao eu diante de perigos muito mais leves, chamados por Jones (citado por Lacan, 1962-1963) de *buried desires*. A angústia não é, portanto, ser lançado ao real, o que significaria a morte do sujeito, mas uma forma de defesa, de enquadramento do real. Para Lacan, ela é da ordem da aproximação (1962-1963, p. 175), enquanto que, para Freud é “a expressão de um afastar-se do perigo” (Freud, 1923, p. 68)”. De uma forma ou de outra, a angústia é diante de algo.

Se o aparelho psíquico só pode constituir-se a partir da formação de uma camada cortical protetora que mantenha de fora o excesso de estímulos, isso significa que, para que o sujeito se constitua é preciso “uma grade de leitura do caos. (...) Somente a partir dessa operação inaugural, torna-se possível ler o caos e fazer dele um mundo” (Vieira, 2001, p. 62). Se o mundo é construído sobre este fundo caótico inicial, o real estará sempre ameaçando com a iminência de sua presença¹⁷. Infere-se, então, “que a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta” (Lacan, 1962-1963, p. 64). Ela sinaliza a presença de algo que vem obturar aquilo que deveria permanecer vazio. Este perigo, “horizonte último de todo o processo no qual a linguagem está engajada” (Pereira, 2008, p. 125), é introduzido por Lacan como uma função opaca, externa ao campo do significante, ou melhor, presente em seus interstícios.

Veremos, no próximo capítulo, como Lacan além de apontar para a estrutura e o que a excede, de pensar na produção da castração como recurso e

¹⁷ Quanto a isso, Marcus André Vieira (2001) assinala: “por isso, Freud recusa qualquer possibilidade de ab-reação do trauma (...). Nenhuma ab-reação pode apagar a perda fundamental que é dada na estrutura, pois é ela que constitui o aparelho psíquico” (p. 63). A ab-reação é um dos principais pontos da crítica freudiana à teoria de Otto Rank sobre o trauma do nascimento. A esse respeito, Freud (1926) aponta: “a fórmula dele – de que se tornam neuróticas as pessoas nas quais o trauma do nascimento foi tão forte que jamais foram capazes inteiramente de ab-reagi-la – é altamente discutível de um ponto de vista teórico. Não sabemos ao certo o que se quer dizer por ab-reação do trauma. Tomada literalmente, implica que quanto mais frequente e intensamente uma pessoa neurótica reproduzir o afeto de ansiedade, mais de perto ela se aproximará da saúde mental – uma conclusão insustentável. Foi por não ter coincidido com os fatos que abandonei a teoria da ab-reação, que desempenhara papel tão importante no método catártico” (p. 148).

localizar o perigo como desamparo real, propõe que pensemos este perigo como objeto. Vejamos, então, as bases freudianas da construção deste conceito de objeto e como ele pôde ser elaborado no decorrer do ensino de Lacan.